

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

LINGUISTIC VARIATION IN THE TEXTUAL PRODUCTION OF STUDENTS IN YOUNG AND
ADULT EDUCATION (EJA)

Larissa Azevedo **NASCIMENTO**¹
Romário Duarte **SANCHES**²

Resumo: O presente artigo buscou analisar a variação linguística sob a ótica de Coelho *et al.* (2015), que diz respeito a variação fonológica; variação morfológica; variação morfofonológica, morfossintática e morfológica; variação sintática e variação discursiva. As análises foram feitas a partir de dados de textos escritos, coletados em uma turma de 4ª etapa da Educação para Jovens e Adultos, na escola Silvio Nascimento, situada na zona urbana do município de Santa Izabel do Pará. Foi analisada neste artigo a ocorrência das variações linguísticas nos textos escritos, tendo como resultado o aparecimento frequente de variações de nível fonológico, morfofonológico e discursivo nos textos que representam dados de fala; e variações, principalmente de nível morfossintático nos textos de dados da escrita.

Palavras-chave: Variação linguística. EJA. Escrita.

Abstract: The present article sought to analyze the linguistic variation from the point of view of Coelho *et al.* (2015), which concerns phonological variation; morphological variation; morphophonological variation, morphosyntactic and morphological; syntactic variation and discursive variation. The analyzes were based on data from written texts collected in a group of 4th stage of Education for Young and Adults (EJA), at the Silvio Nascimento School, located in the urban zone of the city Santa Izabel of Pará. Linguistic variations in written texts, resulting in the frequent appearance of phonological, morphophonological and discursive variations in texts that represent speak data; end variations, mainly of morphosyntactic level in the writing data texts.

Key-words: Linguistic variation. EJA. Writing.

Introdução

O presente artigo pretende mostrar variações linguísticas (lexical, fonológica, morfofonológica, morfológica, morfossintática, sintática e discursiva) presentes na produção textual de alunos da 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos. Os elementos sobre os tipos de variações

¹ Graduada em curso de Letras/Língua Portuguesa. Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária. Universidade do Estado do Pará (UFPA). Endereço eletrônico: Larissa.a.dn@hotmail.com.

² Doutorando em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Endereço eletrônico: Duarte.romrio@gmail.com.

linguísticas acima citadas foram encontrados no livro *Para conhecer sociolinguística* de Izete Lehmkuhl Coelho *et al.* (2015).

Dividimos o trabalho em três etapas. A primeira refere-se à pesquisa bibliográfica para a conceituação de língua, linguagem e variações linguísticas.

A segunda etapa foi a coleta dos dados, realizada com os alunos em sala de aula, após uma sequência didática sobre linguagem formal e informal.

A terceira etapa foi a análise dos dados coletados com a verificação da incidência de variações, sendo o primeiro texto com características informais e de relatos pessoais, gênero este denominado “diário”; e o segundo com características mais formais, com exposição de ideias sobre a tecnologia e opinião acerca do assunto, o que caracteriza como texto do tipo dissertativo-argumentativo.

Aporte teórico

Embasaremos este trabalho à luz dos conhecimentos de Bortoni-Ricardo (2006); Bortone (2008); Cagliari (1990); Coelho *et al.* (2010; 2015); Marcuschi (2010) e outros autores que tratem da variação e mudança linguística como objeto de estudo.

Para compreender os pressupostos teóricos da sociolinguística, é importante citar que os estudos sobre a linguagem ganharam caráter científico no século XX, quando foram publicadas obras póstumas do linguista suíço Ferdinand Saussure, *Curso de Linguística Geral*, publicada por discípulos de Saussure a partir de apontamentos de aulas que obtiveram; e tempos depois com estudos de Noam Chomsky, linguista americano que proporcionou uma nova perspectiva aos estudos linguísticos.

Saussure estudava uma corrente linguística denominada Estruturalismo, na qual postula, entre outras, uma dicotomia denominada *langue* (língua) e *parole* (fala). Tomou como principal objeto de estudos a língua, por ser vista como uma estrutura autônoma, homogênea e social.

Posteriormente, em 1960, nos Estados Unidos, ganha destaque os estudos de Chomsky sobre a visão formal da língua denominada Gerativismo. Nesse caso, a língua é vista como conhecimento mental que o falante possui, a faculdade da linguagem – módulo linguístico próprio dos seres humanos.

Tanto para o estruturalismo quanto para o gerativismo, a língua é vista como algo abstrato, que se desvincula de fatores sociais e/ou históricos. A partir disso, surge nos Estados Unidos, em 1960, a Sociolinguística, tendo como principal pesquisador William Labov.

Neste momento, é preciso abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta e acabada, e que não é possível haver variação e mudança no nível individual do falante, é preciso perceber que a realidade dos falantes tem influência na maneira como se portam, como escrevem e como falam.

Coelho *et al.* (2015) aponta que:

[...] cada grupo social apresenta características no seu falar que são condicionadas por sua origem, sua idade, sua escolaridade, entre outros fatores. Isso quer dizer que as pessoas à nossa volta falam de diferentes maneiras. (p. 13)

Portanto, a língua é um sistema organizado, pois mesmo que as pessoas morem em regiões diferentes conseguem comunicar-se perfeitamente; e pode sofrer variações decorrentes de vários fatores como idade, gênero, região, escolaridade etc.

Variação linguística

Na sociolinguística variacionista, um falante pode conversar com outro usando a forma de tratamento “tu” ou pode usar a forma “você”, dependendo da situação de comunicação, da região ou da pessoa a quem se refere. A essas possíveis alternâncias dá-se o nome de variação linguística.

Para Coelho *et al.* (2015):

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. [...] A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente. (p. 16)

Parafraseando Coelho *et al.* (2015), a variação linguística abre uma gama de significações sociais que não interferem na comunicação entre os falantes, mais do que isso, ela pode dar pistas ao interlocutor a respeito da região que moramos, se fomos inseridos na comunidade de prestígio, a idade que temos, o que lemos, entre outros.

Ao fazer uso de uma dada língua com sistema de escrita, existem duas formas de se conceituar a variante: padrão e não padrão, perceptíveis principalmente na escrita. A língua padrão refere-se ao uso formal da língua, considerada a língua de prestígio na sociedade, conservadora, aquela que é dever da escola ensinar. Já a língua não padrão é, por vezes, estigmatizada, tem o repertório mais diversificado e inovador, porém, abre espaço para o preconceito linguístico.

Dentre as variações linguísticas presentes no livro *Para Conhecer Sociolinguística*, de Izete Coelho *et al.* (2015), podemos citar algumas delas, as quais servirão de base para as análises: Variação

fonológica; Variação morfológica; Variação morfofonológica, morfossintática e morfológica; Variação sintática e Variação discursiva.

Para Coelho *et al.* (2015), ao falar em variação lexical pensa-se em palavras que compõem uma dada língua, associadas à variação regional. Porém, também fazem parte dessa variação palavras cujo uso se dá de acordo com a situação, mais formal ou menos formal, associadas à variação estilística.

A exemplo, podemos citar a forma que um mesmo elemento é denominado de acordo com cada região: abóbora, jerimum; chopp, sacolé, geladinho; pão francês, pão de trigo, cacetinho, filãozinho; banheiro, toaleta, w.c., casinha; entre outros.

O filólogo Antenor Nascentes muito contribuiu com os estudos da variação lexical a partir de estudos geolinguísticos em diferentes regiões do Brasil. Esse estudioso buscou elaborar um atlas linguístico do Brasil, mapeando diferentes áreas linguísticas do nosso português. Os dados são coletados a partir de questionários semântico-lexicais, em que as perguntas são distribuídas em campos semânticos diferentes, com a tentativa de captar a diversidade lexical.

Vale ressaltar que a variação lexical sofre influência de fatores históricos de colonização e particularidades relativas à economia, cultura, trabalho, política, entre outros campos da atividade humana.

Coelho *et al.* (2015, p. 25) aponta que a variação fonológica pode ser observada dentro de diversos fenômenos do português do Brasil relacionados à pronúncia. Podemos citar o fenômeno da despalatalização (perda de palatalização) como na pronúncia da palavra “muié” em vez de “mulher”, “paia” em vez de “palha”, “veia” em vez de “velha”, e assim sucessivamente.

Em uma tentativa de explicar esse fenômeno por meio da linguística, isso acontece devido a aproximação entre os pontos de articulação da palatal /ʎ/ representado na escrita por <lh> e da semivogal /y/.

Há outros fenômenos de ordem fonológica que acontecem no português do Brasil, como a síncope; a monotongação; alçamento das vogais médias pretônicas; epêntese vocálica; rotacismo; entre outros.

Em uma breve conceituação e exemplificação de cada um desses, a síncope é a supressão de um fonema no interior da palavra, que tende a palavras proparoxítonas igualar-se às paroxítonas, como no seguinte caso: “fosfro” em vez de “fósforo”; “abobra” em vez de “abóbora”.

A monotongação acontece quando um ditongo transforma-se em uma vogal, como “peixe” em vez de “peixe” e “manteiga” em vez de “manteiga”.

O alçamento das vogais médias pré-tônicas acontece quando estas vogais elevam-se por influência de uma vogal na sílaba seguinte: “minino” em vez de “menino”, “curuja” em vez de “coruja”, “subrinho” em vez de “sobrinho”.

A epêntese vocálica consiste na emissão de uma vogal entre consoantes. A exemplo da palavra “pneu” sendo pronunciada como “peneu”; ou a pronúncia “adevodago” em vez de “advogado”.

Já o rotacismo consiste na troca da consoante [l] pela consoante [r], como acontece na pronúncia “pranta” em vez de “planta”; “probrema” em vez de “problema” ou “bicicreta” em vez de “bicicleta”.

No nível de variação morfológica podemos citar a variação que ocorre no morfema (unidade mínima significativa) da palavra, grande parte das vezes ocorrendo redução ou perda de morfema. Podemos citar “andá” por “andar”, “vendê” por “vender”; no gerúndio “andano” em vez de “andando”; ou pela não realização da desinência verbal –m em “eles vendem”, entre outros. A variação morfofonológica acontece quando os morfemas que caem são também fonemas, acontece então a interface, quando a variação abarca dois ou mais níveis gramaticais. A variação morfossintática refere-se a estruturas como “eles vende” em que o pronome carrega o significado da pessoa do verbo. Nesse caso, entramos no campo da sintaxe ou da morfossintaxe.

Na variação linguística no nível da sintaxe, mostra-se, por meio de pesquisas feitas por Tarallo, que no português falado no Brasil há construções em que a colocação pronominal aparece diferente do que mostram as gramáticas, principalmente no que tange a próclises e ênclises. Além disso, aparecem também construções com pronomes relativos como em “O filme *a que* me referi é muito bom” / “O filme *que* me referi é muito bom” / “O filme que me referi *a ele* é muito bom”.

Por fim, a variação discursiva tem a ver com palavras que desencadeiam trechos discursivos, ou seja, desempenham papel de conectores, conjunções, marcadores discursivos, entre outros, usados tanto na fala quanto na escrita, como o “ai”, “daí”, “e”, “então”, “né” etc.

Segundo Ilari e Basso (2009), a variação diacrônica consiste na mudança que as palavras passam no decorrer do tempo. É percebida no vocabulário e nas gírias de diferentes gerações, além de construções sintáticas com mesóclises. Podemos citar a forma de tratamento “vossa mercê”, atualmente usada como “você” como uma variação diacrônica, visto que sofreu mudanças no decorrer do tempo.

A expressão “pisar na bola” usada antigamente como gíria, hoje faz parte do nosso vocabulário considerada uma expressão idiomática – expressões em sentido conotativo – que significa “cometer algum erro”.

Quanto ao uso das mesóclises, estas apareciam frequentemente na escrita principalmente de textos literários. No livro “Inocência” de Visconde de Taunay (2012, p. 109) é possível encontrar a seguinte construção “[...] o senhor pagar-me-á no princípio da aplicação e no fim.” Esse tipo de construção caiu em desuso no português brasileiro, mas ainda é possível encontrar em textos extremamente formais.

Da fala para a escrita

Durante muitos anos oralidade e escrita eram vistas como dicotomias, dominando a noção de supremacia cognitiva da escrita. Não se via oralidade e escrita como práticas sociais. Hoje tem-se essas duas modalidades como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais.

De acordo com Marcuschi (2010):

Não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os *usos da língua*, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso. (p. 16 - grifos do autor)

Parafraseando Marcuschi (2010) as línguas se fundem em usos, o que será de grande relevância para este trabalho, pois é a partir dos usos reais da língua que conseguimos identificar as variações linguísticas.

A escrita não pode ser toda como uma representação da fala (...). Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados. (MARCUSCHI, 2010, p. 17)

Apesar de oralidade e escrita terem suas características próprias, não podemos dizer que elas são opostas ou dicotômicas, pois as duas formas permitem a construção de textos que estabelecem comunicação e sentidos.

Existem textos que mesclam características do oral com o escrito, chamadas “síncronas”. São mensagens instantâneas, na internet. Na escrita desses textos, de gênero comunicativo misto, a simultaneidade temporal é possível, mesmo à distância. Constitui-se, portanto, uma forma de relação com a escrita.

Bortoni (2006) expõe que a oralidade traz grande influência para a escrita, principalmente porque as pessoas tendem a escrever da mesma forma que falam, não levando em consideração – ou mesmo por desconhecerem - o âmbito fonético das palavras, fazendo com que se instale na escrita variantes da língua.

Segundo Cagliari (1990):

A escola não pode tomar a atitude linguística de que vale tudo, de que não existe o certo e o errado, porque tudo comunica [...]. A língua é falada por pessoas e as pessoas usam e abusam da língua, inclusive para justificar seus preconceitos. Portanto, a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português. (p.48)

Bortone e Martins (2008) apontam que em relação ao trabalho com a oralidade em sala de aula, deve-se deixar claro que não há uma fala “certa” e uma fala “errada”, mas há falas mais monitoradas e menos monitoradas, que devem ser usadas de acordo com a situação de comunicação na qual nos encontramos.

Metodologia

Os primeiros textos a serem analisados têm como base a fala dos alunos relatando o que fizeram durante o dia. Os demais são textos do tipo dissertativo, com base em regras da escrita. Analisaremos os fenômenos variáveis para cada nível linguístico (fonético-fonológico, morfológico, sintático e discursivo), descrevendo cada um desses fenômenos.

Para as análises, utilizamos como base a sugestão de um quadro postulado pela autora Coelho *et al.* (2015, p. 53), no qual a mesma apresenta a proposta de análise de descrição do fenômeno, variante e nível linguístico em que ocorreu o fenômeno.

Contexto da pesquisa

A pesquisa foi feita na Escola Municipal de Ensino Fundamental Silvio Nascimento, situada na zona urbana da cidade de Santa Izabel do Pará. A turma escolhida para fazer a coleta de dados foi de 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Primeiramente, pedimos para que eles contassem o que haviam feito durante o dia, a partir do momento que acordaram. Posteriormente, pedimos aos alunos que registrassem a história por escrito, da mesma forma que falaram, incluindo os conectores próprios da oralidade, com o objetivo de ter uma escrita menos policiada quanto à linguagem.

Essa característica textual refere-se ao gênero “diário”, pois tem o próprio escritor como destinatário, registra ideias ou acontecimentos do dia por meio de uma linguagem informal, empregada em primeira pessoa com verbos no pretérito perfeito. Pode ser ou não dirigido a outra pessoa.

Após uma sequência didática sobre linguagem formal e informal, situações de uso de cada modalidade, e gêneros textuais com as respectivas adequações da linguagem, pedimos aos alunos que escrevessem um texto dissertativo-argumentativo acerca dos usos da tecnologia, o qual exige uma linguagem mais formal.

O objetivo é analisar a incidência de variações linguísticas nos textos escritos por eles, quando já possuem o conhecimento acerca da linguagem e adequações para cada situação de uso.

Seleção dos sujeitos

Como registrado no tópico anterior, os dados foram coletados em uma turma de EJA, portanto, a idade mínima dos participantes foi de 16 anos. Pertencem, geralmente, a famílias de baixa renda. Nessa idade, a maioria tem ocupações como empregos informais, formais ou cuidam da casa e dos filhos, por isso estudam à noite.

Devido as ocupações ou por motivos pessoais, a quantidade de faltosos é grande, o que faz com que o professor tenha dificuldade para realizar determinadas tarefas. Portanto, neste trabalho não foi possível investigar os dois textos do mesmo aluno, e poucos participaram.

Na primeira etapa da coleta dos dados, a maior parte dos participantes é do sexo masculino. Já na segunda etapa, a maioria é do sexo feminino.

A escolha desse público se deu por serem pessoas com mais idade, as quais, muitas vezes, apresentam em seu vocabulário palavras herdadas do meio em que convivem, que podem ser diferentes das que costumamos ouvir de crianças e de adolescentes.

Análise da variação linguística na produção textual

Os textos a seguir fazem parte de duas etapas de produção; a primeira refere-se aos dados de fala, escrito sob o gênero textual “diário”, no qual há pouca preocupação com o vocabulário e com as regras exigidas pela norma culta da língua. Nessa primeira etapa, os alunos contaram resumidamente os acontecimentos do dia a partir do momento em que acordaram até o momento que foram à escola. Os demais trechos de textos referem-se à segunda etapa de produção, na qual o objetivo era usar aspectos mais formais da língua, por meio de um texto dissertativo-argumentativo, cujo assunto tratava sobre o uso das tecnologias.

Os alunos não serão identificados, por isso criamos um código para especificar o escritor de cada texto.

Dados de fala

O trecho a seguir é do aluno D. C. O objetivo dele foi relatar as experiências do dia, contando os fatos que ocorreram a partir do momento que acordou até a hora de ir à escola.

TEXTO 01

Eu acordei mais ou menos umas 7:30 tomei banho fui na padaria voltei tomei café sai pra comprar meu caderno voltei pra casa *amoçei* fiquei *mechendo* no celular até umas 16:00, fui jogar futebol voltei tomei banho e *to* aqui..

Diante do trecho apresentado, pode-se perceber o uso de algumas variações linguísticas, tais como supressão de consoante em sílaba, troca de consoante em sílaba e supressão de sílaba em palavra. Estas variações acontecem, segundo Coelho *et al.* nos níveis fonológico e morfológico.

Para sintetizar e melhor exemplificar o que foi exposto, segue o quadro 01.

Quadro 01 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Supressão de consoante em sílaba	amoçei (em vez de ‘almocei’)	Fonológico
Troca de consoante em sílaba	amoçei (em vez de ‘almocei’)	Fonológico
Troca de consoantes em sílaba	mechendo (em vez de ‘mexendo’)	Fonológico
Supressão de sílaba em palavra	to (em vez de ‘estou’)	Morfológico

Fonte: Elaborado pela autora.

O texto 02 foi escrito pelo aluno M. H.

TEXTO 02

Eu acordei, com muita *preguista*, tomei o meu banho, fui tomar o meu cafe, *depois* fiquei aguentando a minha sobrinha chorar, *depois* peguei ela (...) ai eu fui na casa do meu amigo joguei video game *depois* fui no campo *mais* não joguei bola porque e não joguo so olho, ai *depois* fui *pra* casa, fiquei escutando a minha mãe ficar falando, ai tomei o meu banho e jantei e *depois* vim para a escola.

Diante do trecho apresentado, é perceptível a ocorrência de alguns fenômenos linguísticos, a saber: troca de consoantes que possuem o mesmo som na palavra; inserção e supressão de vogais em sílabas, além de palavra usada como conector.

Os fenômenos linguísticos encontrados no trecho são de níveis fonológico, discursivo e fonético-fonológico. Para sintetizar as informações, segue o quadro 02.

Quadro 02 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Troca de consoante ‘ç’ por ‘s’	preguista (em vez de ‘preguiça’)	Fonológico
Palavra usada como conector, conjunção	Depois	Discursivo
Inserção de vogal em sílaba (epêntese)	mais (em vez de ‘mas’)	Fonético-fonológico
Supressão de vogal em sílaba (síncope)	pra (em vez de ‘para’)	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

O texto 03 foi elaborado pelo aluno C. V. M.

TEXTO 03

Hoje eu acordei 8:00 aí *depois* eu fui tomar banho 10:00, *depois* tomei café *depois* não fiz nada que uma coisa triste cortaram a luz de casa (não tem gato lá não) *depois* eu fui *almuçar tivi* que aguentar o meu irmão (...) *depois* voltei pra casa *depois* fui *durmi* mais tarde eu acordei aí eu voltei a *dormi* de novo aí eu acordei tomei meu banho e vir pra escola.

Neste trecho, é possível observar a ocorrência de variações linguísticas de nível discursivo, fonológico e morfofonológico, como conectores, elevação de vogais médias pré-tônicas, alteração e supressão de morfemas verbais.

Segue no quadro 03 exemplificação e síntese das informações expostas.

Quadro 03 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Palavra usada como conector, conjunção	Depois	Discursivo
Elevação de vogal pré-tônica	almuçar (em vez de ‘almoçar’)	Fonológico
Alteração no morfema verbal	tivi (em vez de ‘tive’)	Morfofonológico
Elevação de vogal pré-tônica e supressão de -r, marca de infinitivo no verbo	durmi (em vez de ‘dormir’)	Fonológico e Morfofonológico
Supressão de -r, marca de infinitivo no verbo	dormi (em vez de ‘dormir’)	Morfofonológico.

Fonte: Elaborado pela autora.

O texto 04 foi escrito pelo aluno A. B. Ele tentou relatar um resumo dos fatos ocorridos no dia, por meio do gênero diário.

TEXTO 04

Hoje acordei as 7h da manhã

Tomei café fui para casa da minha vovozinha

Tomei banho por *la* voltei pra casa do meu tio *atarde* joguei bola tomei banho jantei e vim *pra* escola

Neste trecho, pode-se perceber a presença de variações linguísticas de nível sintático, fonológico e discursivo, tais como advérbio de tempo, supressão de vogal em sílaba e palavra usada como advérbio de lugar.

No quadro a seguir, encontram-se as descrições dos fenômenos linguísticos, com base nos estudos de Coelho *et al.* (2015).

Quadro 04 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Advérbio de tempo	Atarde (em vez de 'à tarde')	Sintático
Supressão de uma vogal em sílaba	pra (em vez de 'para')	Fonológico
Palavra usada como advérbio de lugar	lá	Discursivo

Fonte: Elaborado pela autora.

A aluna J. A. escreveu usando como base o gênero diário, os acontecimentos do dia, descrevendo os fatos ocorridos a partir do momento em que acordou até o momento de ir à escola.

TEXTO 05

Hoje pela manhã eu acordei e coloquei água no fogo para fazer café isso era 6:15hs fui ao banheiro escovar os dentes e tomar banho, quando voltei a água já estava fervendo fiz o café, meus dois filhos que trabalham tomaram café saíram para a lida e eu como sempre fui trocar a água do cachorro colocar comida para os coelhos e trocar água também *depois* coloquei algumas roupas para bater na máquina e fui arrumar a casa principalmente meu quarto pois a alguns dias atrás eu havia me mudado para o conjunto do Kató e minhas coisas estavam um pouco fora do lugar, coloquei almoço no fogo e isso era já umas 9:30hs *depois* fui espremer os lenções que deixei batendo na máquina, estendi e depois fui varrer a casa, em seguida passei pano e fui olhar o almoço temperar o feijão 11:15 almoço pronto. eu e meu filho e minha nora almoçamos *depois meu casal de filhos chegaram* do trabalho para almoçar, coloquei a comida dos cachorros e coelho e gato, minha nora lavou as louças eu fui tirar as roupas enxutas e dobrei sentei-me um pouco na frente da TV para ver um pedacinho do jogo do Brasil com as mulheres, em seguida minha irmã me ligou ficamos um pouco no celular conversando *depois* fui tirar outra remessa de roupa da máquina chegando a hora de ir *pra* escola, lembrei que tinha que trocar a mesa de lugar com o fogão para ganhar espaço para guardar a moto, enfim tomei banho e cheguei atrasada na aula.

Neste texto, observamos a presença de fenômenos como palavras usadas como conector, concordância verbal com núcleo no singular e supressão de vogal em sílaba. Tais fenômenos ocorreram no nível discursivo, sintático e fonológico, como mostra o quadro 05.

Quadro 05 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Palavra usada como conector, conjunção	Depois	Discursivo
Concordância verbal com núcleo no singular	meu casal de filhos chegaram	Morfossintático
Supressão de uma vogal em sílaba	pra (em vez de 'para')	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

O seguinte texto foi escrito pela aluna K. C., que relatou suas experiências diárias.

TEXTO 06

Karina levantou 7:30 tomou café depois, tomou banho e *arumou* a casa e depois recebeu visita minha sobrinha tomou banho dei café pra ela (...) aí *nois* fomos na casa da minha tia depois viemos já tinha comida pronta (...) aí *nois* almoçamos eu levei ela *pra* escola fui *busca* às 15h da tarde voltei *pra* casa e me deitei depois levantei lá pras 16 ou 17h aí eu *fiz* a janta tomei banho e vim *pra* cá.

Neste trecho, pode-se perceber a presença de fenômenos variáveis como supressão de marca de infinitivo, supressão de fonemas, acréscimo e supressão de vogal em sílabas. Tais fenômenos acontecem nos níveis linguísticos morfofonológico e fonológico. A saber:

Quadro 06 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Supressão de -r, marca de infinitivo no verbo	busca (em vez de 'buscar')	Morfofonológico
Supressão de um fonema em palavra	arumou (em vez de 'arrumou')	Fonológico
Acréscimo de uma vogal em sílaba	nois (em vez de 'nós')	Fonológico
Supressão de uma vogal em sílaba	pra (em vez de 'para')	Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Os textos a seguir tratam-se dos dados de escrita, segunda etapa de produção, na qual seriam elaborados textos de caráter dissertativo-argumentativo acerca dos diversos usos da

tecnologia. Os alunos não serão identificados, portanto, criamos códigos para identificar os autores dos textos.

Dados de escrita

O texto seguinte foi elaborado pela aluna G. V., cujo objetivo foi dissertar acerca do uso das tecnologias utilizando aspectos mais formais da língua.

TEXTO 07

(...) precisamos dela para fazer pesquisas, estudos e para termos *melhores conhecimento e informações*. (...) ainda existem *varios problemas existente nos meios virtual* Ex: pessoas mal intencionadas que *sentem prazer em usa esse meio* para prejudicar os outros com chantagem ameaças e usam para fazer Bulling (...).

No texto 07, percebe-se a presença de fenômenos variáveis como concordância nominal e supressão de –r marca de infinitivo. Tais fenômenos são encontrados nos níveis linguísticos morfossintático e morfofonológico.

No quadro 07, pode-se perceber a descrição detalhada destes fenômenos.

Quadro 07 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Concordância nominal	melhores conhecimento e informações (em vez de ‘melhores conhecimentos e informações’)	Morfossintático
Concordância nominal	varios problemas existente (em vez de ‘vários problemas existentes’)	Morfossintático
Concordância nominal	nos meios virtual (em vez de ‘nos meios virtuais’)	Morfossintático
Supressão de –r final marca de infinitivo	sentem prazer em usa esse meio (em vez de ‘sentem prazer em usar esse meio’)	Morfofonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Este trecho foi elaborado pela aluna B. L. S., estudante da 4ª etapa da Educação para Jovens e Adultos.

TEXTO 08

O *avaço* tecnologico *vem mudado* a vida de todos, pois com *todas essa* variedade do mundo moderno, tudo vem se variando com muita *rapides* (...). todo vais mais rapido, é vem *mas* rapido.

Mais com todo esse avanço está *mechendo* com a nossa *metalidade* não conceguimos mais *pença* em *vive* sem toda essa tecnologia.

No trecho acima, encontramos diversos tipos de variação linguística, a saber: supressão de fonema no interior da sílaba; variação quanto à concordância nominal; inserção de vogal em sílaba; troca de fonema no interior de palavra, bem como a supressão de –r marca de infinitivo. Estas variações são recorrentes nos níveis linguísticos de ordem fonológica, morfofonológica, morfossintática e fonético-fonológica.

O quadro 08 mostra detalhadamente as descrições de cada fenômeno encontrado no trecho, bem como as variantes e níveis linguísticos de cada uma.

Quadro 08 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Supressão de fonema no interior da sílaba	avaço (em vez de ‘avanço’)	Fonológico
Supressão de fonema no interior da sílaba	vem mudado (em vez de ‘vem mudando’)	Morfofonológico
Concordância nominal	todas essa (em vez de ‘todas essas’)	Morfossintático
Troca de fonema no final da palavra	rapides (em vez de ‘rapidez’)	Fonológico
Inserção de vogal em sílaba	mas (em vez de ‘mais’)	Fonético-fonológico
Troca de fonema no interior da palavra	mechendo (em vez de ‘mexendo’)	Fonológico
Supressão de fonema no interior da sílaba	metalidade (em vez de ‘mentalidade’)	Fonológico
Troca de fonema no interior de palavra e supressão do –r final que marca infinitivo	pença (em vez de ‘pensar’)	Fonológico e morfofonológico
Supressão do –r final que marca infinitivo	vive (em vez de ‘viver’)	Morfofonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

O texto abaixo faz parte da segunda etapa de produção, que consistia em produzir um texto utilizando os aspectos mais formais da língua. Dessa forma, o aluno M. H. L. tentou dissertar sobre o uso das tecnologias.

TEXTO 09

(...) de certo *as tecnologia tem que serem usada pelas pessoas que entende* da maquina ou do assunto.
 Hoje *muitos já sabi* como usar as tecnologias mais não entende do assunto.

No trecho selecionado, pode-se perceber a presença de determinadas variações linguísticas, principalmente com relação à concordância verbal e nominais, nas quais classificam-se como variantes de nível morfossintático.

No quadro 09 há as descrições dos fenômenos encontrados, bem como os níveis linguísticos a que pertencem.

Quadro 09 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Concordância nominal	as tecnologia (em vez de ‘as tecnologias’)	Morfossintático
Concordância verbal	tem que serem usada (em vez de ‘tem que serem usadas’)	Morfossintático
Concordância verbal	pelas pessoas que entende (em vez de ‘pelas pessoas que entendem’)	Morfossintático
Concordância verbal	muitos já sabi (em vez de ‘muitos já sabem’)	Morfossintático

Fonte: Elaborado pela autora.

O trecho de texto abaixo foi escrito pela aluna M. S. M. A., estudante da turma da 4ª etapa da Educação para Jovens e Adultos. O objetivo da aluna era dissertar a respeito do uso das tecnologias, utilizando aspectos formais da língua.

TEXTO 10

A necessidade de ser capaz, de *nós nos comunicar* qualquer hora, em qualquer lugar, tem integrado o homem as suas descobertas e sucesso garantido.

A importância da tecnologia está apontado para maior conjunto de utilização em qualquer forma.

(...)

Áreas como o transito, segurança, transporte, serviços e *muitos outros áreas* a tecnologia passou a ser essencial para eficiência e aumento de produtividade.

O quadro 10 vem mostrar as descrições dos fenômenos encontrados no texto acima, bem como as variantes e nível linguístico.

Neste trecho foram encontrados fenômenos relacionados à concordância verbal e nominal, cujos fenômenos acontecem nos níveis linguísticos morfossintático e morfológico.

Quadro 10 - Descrição dos fenômenos linguísticos

<i>Descrição do fenômeno variável</i>	<i>Variante encontrada na narrativa</i>	<i>Nível linguístico</i>
Concordância verbal	nós nos comunicar (em vez de ‘nós nos comunicarmos’)	Morfossintático e morfológico
Concordância nominal	a importância da tecnologia está apontado (em vez de ‘está apontada’)	Morfossintático
Concordância nominal	muitos outros áreas (em vez de ‘muitas outras áreas’)	Morfossintático

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados obtidos nesta pesquisa variam de acordo com o tipo de texto escrito pelos alunos. Nos textos do gênero textual diário, em que se faz o uso de dados de fala, percebemos a maior recorrência de fenômenos provenientes de fatores fonológicos. Isto acontece porque, de acordo com Silva (2009), a fala antecede a representação escrita e que ambos são sistemas simbólicos. Ocorrem também nos textos de fala, embora com menor incidência, variações de nível morfológico e discursivo, como a supressão de fonemas que são também morfemas, palavras usadas como advérbio de lugar e palavras usadas como conectores.

Outra hipótese que pode ser levantada é que essas variações de nível fonológico podem ter ocorrido devido as pessoas escreverem da mesma forma que falam, não levando em consideração o âmbito fonético das palavras, como aponta Bortoni (2006).

Nos textos dissertativos, variações de nível fonológico pouco aparecem. Na modalidade escrita, preparada pelos alunos, aparece com muita frequência a variação de nível morfossintático, o qual diz respeito à ausência de plural em sintagmas verbais e nominais, levando-nos a acreditar na hipótese de que tais fenômenos ocorrem devido esses alunos não fazerem uso da relação fala/escrita.

Segundo Garcia (2012), uma possível forma de amenizar a recorrência de variações de nível morfossintático nos textos escritos seria por meio de atividades práticas em que eles pudessem perceber a diversidade linguística relacionadas aos papéis sociais; ou por meio de reflexões sobre o discurso usado em sala de aula; entrevistas sobre os diversos falares dialetais e regionais; análises de depoimentos, peças teatrais e filmes.

Sugerimos, além disso, que sejam trabalhadas as relações entre a linguagem formal e informal a partir de jogos que os próprios alunos podem confeccionar, letras de músicas já existentes, criação de paródias, análises de poemas e textos de gêneros diversificados para que os alunos consigam perceber as diferenças entre fala e escrita e assim passem a monitorar de acordo com a situação de comunicação.

Conclusão

Este artigo abordou a recorrência de variações linguísticas nos textos escritos pelos alunos da turma de 4ª etapa da Educação para Jovens e Adultos. Discorreu-se inicialmente sobre a língua e estudos sociolinguísticos, mostrando que a fala e a escrita não podem ser vistas como elementos tipológicos diferenciados e distanciados. Têm-se, hoje, essas duas modalidades como complementares no contexto das práticas sociais.

Além disso, as línguas se fundem em usos, e apesar de oralidade e escrita possuírem características próprias, é possível a construção de textos que mesclam características do oral com o escrito, sem prejuízos no entendimento entre os interlocutores.

A partir dessa compreensão, de acordo com Faraco (2007), enfatiza-se a importância de promover uma política linguística que resulte na mudança de concepções equivocadas no que concerne às variações da língua e ensino da língua materna.

Referências

- BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BORTONE, Marcia Elizabeth; MARTINS, Cátia Regina Braga. *A construção da leitura e da escrita: do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). *Sociolinguística e Ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: EdUFSC, 2006, p. 267-276.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1990.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. *Sociolinguística*. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto; et al. Por uma Pedagogia da Variação Linguística. In: CORREA, Djane Antonucci (Org.). *A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 21-50.
- GARCIA, Avany Aparecida. *As variações linguísticas em sala de aula: especificidades da Amazônia*. Fortaleza: Revista Entrepalavras - ano 2, v.2, n.1, p. 245-269, jan/jul 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, Schanderson. *Análise de erros ortográficos em textos de alunos do ensino fundamental*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA8G0AK/analise-erros-ortograficos-textos-alunos-ensino-fundamental>> Acesso em: 10 mar 2017.
- TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 3. ed. 6. reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 109.

Chegou em: 05-06-2017

Aceito em: 14-08-2017